

Mensagem 27

Chennai, Índia, 17/agosto/2000.

Durante a prece, há uma demanda que surge fora da mente. Ela é a dor da solidão, da agonia e da personalidade centrada no eu (individual) no qual Deus está “presente” apenas como ausência! Este Deus é o produto de debates decorrentes da lógica dos teólogos.

Durante a meditação há uma imparcialidade, um estado de “não-mente”. Ela é um isolamento, um processo de auto-esvaziamento no qual o inominável se faz em tremenda presença. Isto não tem nada a ver com a conspiração dos “fiéis” que ocupam a humanidade com todos os tipos de crenças, fanatismos e batalhas em nome de Deus. O diálogo, neste isolamento, surge do amor da verdade.

As preces surgem da *consciência dual*¹. A meditação se origina da consciência inocente e desprovida de conteúdos. Na prece, há mendicância e causalidade. Na meditação, há bem-aventurança e graça.

Kriya-Yoga é executada afim de uma existência na “*mente conscientemente equânime*”². E isto é meditação. De forma alguma se trata de concentração ou de estar disponível para reflexos condicionados em experiências. Meditação é um movimento em *Tathya* (Realidade), enquanto que a prece é uma estagnação em *Tatwa* (Teoria). Aonde há *prarthi* (entidade subjetiva), não há *prarthana* (orador). É por isso que apenas situações difíceis, paradoxos e anseios são promovidos e perpetuados pela prece.

OM SHANTI SHANTI SHANTI

Verdade, Transe, Transformação, Transcendência.

(Truth – Trance – Transformation – Transcendence)

¹ O termo “*separative consciousness*” foi aqui traduzido por “*consciência dual*”.

² “*Even-minded mindfulness*” é o termo originalmente usado por Shibenduji para descrever o estado consciente de equanimidade da mente.